

---

**CARTILHA SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA PARA SURDOS COMO  
TECNOLOGIA EMANCIPATÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA\***

***SPELLING BOOK ABOUT SEXUAL AND REPRODUCTIVE HEALTH FOR DEAF SUCH AS  
EMANCIPATED TECHNOLOGY: REFLEXIVE ANALYSIS***

***CARTILLA SOBRE SALUD SEXUAL Y REPRODUCTORA PARA SORDOS COMO  
TECNOLOGÍA EMANCIPADORA: RELATO DE EXPERIENCIA***

ROSILÉA ALVES DE SOUSA<sup>1</sup>  
LORITA MARLENA FREITAG PAGLIUCA<sup>2</sup>

---

*Trata-se da análise de uma cartilha sobre saúde sexual e reprodutiva para surdos. A testagem da cartilha foi feita através de grupos educativos com surdos. A desenvoltura, a informalidade das discussões e a avaliação da cartilha pelos surdos nos acenou para a emancipação do grupo e nos mostrou a necessidade de algumas correções neste material didático. Ao nos apoiarmos nas idéias de Nietzsche (2000), rotulamos este material como uma tecnologia emancipatória, pelo fato de trazer a esta população, a oportunidade de se libertar de um estado de sujeição, no que concerne aos conhecimentos nesta área de saúde.*

**UNITERMOS** – Educação sexual; Orientação; Surdos.

---

*This study treats of the analysis of a book about sexual and reproductive health for the deaf. The books was tested by educational groups with the deaf. The self-confidence, the informality of the discussions and the evaluation of the book for the deaf showed us the emancipation of the group and the need of some corrections in this didactic material. Being supported by ideas of Nietzsche (2000), we considered this material as an emancipated technology, for the fact of bringing this people, the opportunity to free of a subjection state, in what concerns to the knowledge in this area of health.*

**KEY WORDS:** Education sexual; Orientation; Deaf.

---

*Este estudio trata del análisis de una cartilla sobre salud sexual y reproductora direccionada a los sordos. La misma fue testada por intermedio de grupos educativos con sordos. La forma desenvuelta, la informalidad de las discusiones y la evaluación de la cartilla hecha con la participación de los sordos, nos mostró la emancipación del grupo y nos enseñó la necesidad de hacer algunas correcciones en dicho material didáctico. Cuando usamos las ideas de Nietzsche (2000), rotulamos este material como una tecnología emancipadora debido al hecho de proveer a estas personas la chance de librarse de una forma de sumisión en relación a los conocimientos en esta área de salud.*

**TÉRMINOS CLAVES:** Educación sexual; Orientación; Sordos.

\* Parte da tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFC.

<sup>1</sup> Enfermeira, Maternidade Escola Assis Chateaubriand, Doutoranda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará.

<sup>2</sup> Enfermeira, Doutora. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. pagliuca@ufc.br

## INTRODUÇÃO

A saúde sexual e reprodutiva é hoje uma preocupação mundial, pois envolve um dos aspectos mais importantes da vida humana. Em todos os povos e em todas as culturas, a sexualidade permeia as interações entre os seres humanos e a partir dos papéis sexuais se percebe uma complexa rede de influências na vida de cada pessoa.

Até há algum tempo, o sexo era visto no contexto da concepção, no entanto, hoje, o prazer antes reprimido vem a tona e a sexualidade deixa de ser relegada, passando a ser englobada entre as necessidades humanas, pois é clara a sua influência no bem estar da pessoa (GOZZO *et al.*, 2000).

Dada a importância dessa temática, essa especialidade tem tido uma atenção especial, de forma que os serviços de saúde oferecem sistematicamente as chamadas ações de atenção em saúde sexual e reprodutiva que englobam: prevenção do câncer ginecológico e diagnóstico precoce do câncer de mama, prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis, contracepção e tratamento da infertilidade conjugal e, ainda, acompanhamento pré-natal. É importante lembrar que a atenção ofertada envolve além do acesso às ações propriamente ditas, um componente educativo que permite aos usuários não só receberem o produto dessas ações, mas também estarem conscientes da sua necessidade e, por conseguinte, buscarem este tipo de atendimento.

Concordamos com Sadik (1998), quando ressalta a necessidade de mais e melhor educação e informação sobre sexualidade, sobre como evitar a gravidez e as DST e respeitar os direitos dos parceiros como forma de garantir decisões responsáveis, inclusive a de optar por iniciar ou adiar o início da atividade sexual.

Essa situação está presente em todos os seguimentos da população brasileira, no entanto, percebe-se que, alguns grupos são mais prejudicados, por associarem à dificuldade de acesso a esta vertente da saúde reprodutiva, outras características que os tornam mais vulneráveis. Entre os indivíduos considerados descobertos na assistência em saúde sexual e reprodutiva, encontramos os surdos. Esta população, não só no Brasil, mas em todo o mundo, tem sua prática sexual dependente da perspectiva dos familiares e de outras pessoas que fazem parte do seu convívio social.

Considera-se surda a pessoa que não ouve ou quase não ouve (FERREIRA, 1998). Pode ser classificado como surdo total quando a sua audição não é funcional na vida comum e parcialmente surdo, quando a audição, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva (BRASIL, 1997).

Apesar da imprecisão da definição, na nossa realidade é significativo o percentual de deficientes auditivos. Segundo estimativa da Organização Mundial de Saúde, cerca de 15% da população brasileira, aproximadamente 2,2 milhões, são portadoras de deficiência auditiva nos seus vários níveis (BRASIL, 1996), enquanto que informações, disponíveis na *internet*, são mais contundentes ao afirmar que essa mesma Organização estima que a deficiência auditiva afeta 10% da população mundial e ainda que, no Brasil existam 15 milhões de pessoas com algum tipo de perda auditiva. Desses, 350 mil são totalmente surdos (Correio Brasiliense, 1997).

Convivemos com os surdos em nosso cotidiano, sem no entanto, perceber as dificuldades que enfrentam para utilizar os recursos disponíveis no nosso ambiente. Não percebemos quão dependente estes se encontram do pouco que lhe ofertamos, seja no aspecto social, econômico ou de saúde. Provavelmente por este fato, Ahrebeck (1993) afirma que os surdos sentem necessidade de se agrupar como forma de proteção por poderem, entre si, se comunicar sem dificuldade.

A condição de surdez tem sido um obstáculo na comunicação deste grupo, pois o comprometimento na aquisição e desenvolvimento da linguagem representa, sem qualquer dúvida, um grande prejuízo, já que dificulta o pensamento (PINHEIRO, 1994).

Como educadores em saúde, percebemos que existe um grande dano na aquisição dos conceitos de saúde entre os surdos e sentimos a necessidade de oferecer uma assistência voltada para a orientação deste grupo, principalmente entre os adultos. Dentro da óptica da educação de adultos, Norwich *et al.* (1994), referem que as metas esperadas, variam de indivíduo para indivíduo, dependendo da sua motivação, e, a partir dessa linha de pensamento, consideramos que é responsabilidade do educador garantir a motivação do aluno, promovendo a sua satisfação e a participação do seu emocional através de ações integradas que vão desde a ambientação até a metodologia didática utilizada (TEIXEIRA, 1998).

Referindo-se à aprendizagem, Rigobello *et al.* (1998) entendem que esta caminha estreitamente ligada à comunicação, envolvendo processos criativos e adaptação da realidade.

Voltando à questão da saúde sexual e reprodutiva como foco de educação, percebemos que este aspecto da saúde do indivíduo está cercado de mitos e tabus. Portanto, sabendo da dificuldade de promover educação neste tema e reconhecendo as diversas nuances de sua disseminação entre adultos, pretendemos facilitar a abordagem desta temática utilizando materiais didáticos mais específicos para esta população. Pensando em material de apoio, acreditamos que uma cartilha dirigida para este grupo, não só facilitará a sua aprendizagem, como permitirá a consulta posterior, mesmo após o contato com o educador. Concordamos com Porras (1998), quando considera que um livro texto representa uma unidade rica de sentidos explícitos e implícitos, que determina uma coerência temática e a melhor maneira de trabalhar o tema abordado.

Vemos ainda como importante, o fato de que este material, se disponível nos diversos serviços de saúde reprodutiva, pode facilitar sobremaneira a comunicação entre os profissionais de saúde e os surdos, evitando o desgaste psicológico referido por Nogueira e Varela (1998).

Para garantir que este material educativo atenderia à necessidade dos surdos, não só investigamos a opinião dos surdos sobre a cartilha e sobre a viabilidade do seu uso, como recebemos o apoio do grupo para realizar as devidas correções. Entendemos que, ao oferecermos a esta clientela a oportunidade de opinar sobre o material educativo produzido para atender às suas necessidades, encontramos eco nas palavras de Freire (1999), que valoriza a construção coletiva do conhecimento e reconhece a importância da horizontalidade da educação.

Acreditamos oportuna a nossa intervenção junto aos surdos, garantindo a esta clientela o direito ao exercício de sua sexualidade de forma consciente e livre de preconceitos e partindo da premissa de que a metodologia proposta e o material didático produzido respeita a cultura surda e poderá facilitar a oferta da educação em saúde reprodutiva dirigida a este grupo. Consideramos, também, que esta prática fortalecerá a cidadania do surdo, visto que lhe dá oportunidade de tomar decisões importantes na sua vida pessoal, além de valorizar a sua cultura.

## A CARTILHA

Inicialmente, a elaboração da cartilha nos parecia utopia e, em vários momentos, pensamos em utilizar materiais já produzidos para o segmento ouvinte de nossa sociedade. Mas, à medida que realizávamos outros trabalhos com os surdos sentíamos a necessidade de utilizar um instrumento de apoio didático dirigido para esta população. Os primeiros passos foram incertos, mas à medida que pesquisávamos os conteúdos e buscávamos os sinais relativos a estes, descobrimos um novo caminho para a aproximação entre surdos e ouvintes.

A experiência de elaboração deste material foi bastante rica de significados e favoreceu ainda mais o nosso entendimento sobre a cultura dos surdos, pois a tarefa que nos propusemos teve embasamento na escassa literatura onde encontramos registros da língua brasileira de sinais (LIBRAS) e, à medida que não encontrávamos as gravuras dos sinais necessários para expor nosso conteúdo, buscávamos junto aos surdos, sinais alternativos ou alguns destes que ainda não tinham sido publicados e que poderiam ser desenhados.

É importante registrar que os surdos se sentiam prestigiados com a nossa solicitação de colaboração durante a fase de elaboração da cartilha e sempre que nos dirigimos a eles, as nossas dúvidas foram esclarecidas com uma atitude solidária. Em muitas oportunidades, acrescentaram sugestões que, segundo eles, poderiam deixar o conteúdo mais compreensível aos surdos.

Antes de descrever o produto didático construído, gostaríamos de refletir sobre a oportunidade de estudar a língua de sinais (LIBRAS), visto que a comprovação de que é uma língua natural e obedece a padrões, tal como as outras, tem permitido uma mudança na maneira dos ouvintes conceberem o surdo, vendo-o em um contexto social, cultural e lingüístico (VALENTINI, 2000).

Observamos que pelo fato da LIBRAS ser uma língua de reconhecimento recente e pela grande variedade de sinais com significados semelhantes, os registros dos sinais através de gravuras são limitados e os sinais relativos a palavras subjetivas, em geral, são difíceis de encontrar, mesmo na literatura específica. Essa dificuldade também é observada para os sinais referentes à sexualidade.

Valentini (2000) evidencia que a língua de sinais, por fazer uso de um espaço multidimensional (simultaneamente

constituindo sinais na formação de palavras e de orações) e do espaço temporal (linearidade temporal), é muito distinta da língua oral, que obedece uma seqüência e uma linearidade durante a fala. Lembra também que, na língua de sinais, se faz necessário, por vezes, algum empréstimo da língua oral e usamos, para isso, um recurso que consiste na datilologia (alfabeto manual). Cada configuração de mão representa uma letra do alfabeto que é expresso de forma linear e seguindo a estrutura oral-auditiva. Um exemplo desse fato é o sinal da AIDS, que se constitui da configuração manual dessas quatro letras do alfabeto verbal.

A cartilha, após a inserção dos conteúdos, totalizou 41 páginas, que ficaram assim distribuídas: 1. A capa, constituída do título – **Saúde sexual e reprodutiva: falando para surdos** – e do nome da autora (da cartilha); 2. Uma breve apresentação da cartilha; 3. O índice sinalizado, onde os conteúdos estão escritos na língua portuguesa e LIBRAS; 4. Os conteúdos de saúde sexual e reprodutiva: o corpo do homem e da mulher, relação sexual e gravidez, a gravidez, pré-natal, parto, prevenção do câncer ginecológico, DST e AIDS, descoberta precoce do câncer de mama, métodos anticoncepcionais – tabela, método do muco, método da temperatura, diafragma, condom/camisinha, espermicida, DIU, pílula, injeção, laqueadura tubária e vasectomia; e, 5. Os agradecimentos – registramos nossa gratidão às instituições que, de forma direta ou indireta, permitiram o uso de gravuras que facilitaram a compreensão dos conteúdos. Consideramos indireta a autorização do Ministério da Saúde que permite o uso do seu material desde que se faça referência à fonte de pesquisa.

Vale lembrar que só foi possível a descrição de alguns conteúdos, tais como a anatomia e fisiologia reprodutiva e os procedimentos, através do uso de ilustrações que retratavam os aparelhos reprodutores ou o próprio exame. Por isso, associamos as gravuras dos sinais com aquelas relativas a esta temática, de forma que fosse possível ao surdo compreender a mensagem veiculada. Não nos aprofundamos nos conteúdos, por entender que, uma maior quantidade de informações, poderia dificultar o aprendizado das idéias gerais, que consideramos mais importantes.

Até o presente momento, a cartilha ainda se encontra em forma monocromática, na cor preta, porque dessa maneira, diminuimos os custos para a testagem deste material. No entanto, pretendemos editá-la utilizando cores que a tornem mais atrativa.

## METODOLOGIA PARA TESTAGEM DA CARTILHA

A cartilha foi testada em três grupos: o primeiro, composto por treze intérpretes, que são ouvintes que dominam a língua de sinais; o segundo foi formado pelos instrutores, pois estes surdos, em número de sete, têm como competência validar os sinais utilizados na cartilha; e, o terceiro, composto de dezesseis surdos inseridos na Associação de Surdos do Ceará e na Pastoral das paróquias de Santa Luzia e São Pio X. A primeira abordagem no que se refere ao convite para participar das oficinas, se deu em reuniões da Associação e das Pastorais, onde foi relatada a nossa intenção de implementar o modelo educativo proposto.

Vale lembrar que o projeto deste estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Complexo Hospitalar da Universidade Federal do Ceará – COMEPE, de acordo com o protocolo nº 31/01 em 29 de março de 2001, dentro das normas que regulamentam a pesquisa em seres humanos, da Resolução 196/96 do Ministério da Saúde (BRASIL, 1996).

A desenvoltura dos surdos durante os grupos educativos realizados para testagem da cartilha, a informalidade das discussões e as sugestões para melhoria do material nos acenou para a emancipação dos surdos ao lidar com a tecnologia proposta. Reportamo-nos à classificação de Nietzsche (2000) para analisá-la como: uma tecnologia do cuidado – melhora o padrão da assistência de enfermagem aos surdos; uma tecnologia de concepções – oferece uma visão da temática a partir da óptica dos surdos; uma tecnologia de educação no cuidado da saúde – aponta meios para formação de uma consciência crítica para a vida saudável; uma tecnologia de processos de comunicação – meios de comunicação com finalidade terapêutica; uma tecnologia de modos de conduta – propicia postura participativa e mudanças de comportamento.

A tarefa de buscar na cartilha as informações transmitidas durante os grupos educativos, onde testamos este instrumento, objetivou avaliar a clareza das informações contidas neste material educativo, analisar os sinais ali inseridos e evidenciar a necessidade de possíveis correções. Durante a consulta da cartilha, os surdos interagiram entre si, discutindo a adequação e a compreensão dos sinais. Observamos que o grupo se mostrou satisfeito com as informações contidas na cartilha e alguns componentes ma-

nifestaram que o assunto estava relatado de maneira compreensiva aos surdos.

Vale salientar que, ao serem analisados na cartilha, os conteúdos relativos ao pré-natal, tivemos os depoimentos de duas surdas integrantes do grupo, que relataram sua experiência no acompanhamento de suas gravidezes.

Ao discorrer sobre a prevenção de câncer ginecológico e detecção precoce do câncer de mama, percebemos que a gravura correspondente ao exame ginecológico não foi compreendida na sua plenitude pelos integrantes do grupo, que confundiram com o trabalho de parto. Não nos surpreende esta confusão, porque estes procedimentos são realizados em mesas de exame semelhantes e o desconhecimento da forma como se realiza o exame de prevenção de câncer ainda é muito grande, apesar desta patologia ser bastante conhecida e temida pelos surdos.

Os aspectos teóricos sobre os métodos anticoncepcionais foram apresentados na cartilha e esclarecemos que, nesta etapa, não houve qualquer sugestão para alterações nas informações ali contidas.

Solicitamos a avaliação dos participantes dos grupos quanto à cartilha, com uma classificação sugerida por nós, que envolvia três conceitos: BOM, MAIS OU MENOS ou RUIM, por entendermos que estes conceitos seriam facilmente interpretados. Enquanto que os participantes das pastorais consideraram a cartilha como boa, entre os instrutores-surdos, que nos parecem em um patamar mais crítico, tivemos classificações que acenavam para a necessidade das modificações propostas neste material didático: a cartilha foi considerada boa por três instrutores e necessitando de reajustes (classificada como mais ou menos) por outros quatro. Ressaltamos que as mudanças sugeridas nos sinais estão relacionadas à sua atualização, pois é restrito o número de material impresso sobre LIBRAS, e, alguns destes já estão desatualizados.

As gravuras sobre saúde sexual e reprodutiva, utilizadas na cartilha, foram consideradas de fácil entendimento e mesmo a gravura relativa ao exame ginecológico, antes considerada pouco compreensível, quando vista dentro do contexto total do assunto, foi aceita sem restrições.

Os instrutores se colocaram à disposição para ajudar na correção dos sinais e, um dos surdos, que é desenhista, se prontificou a fazer os ajustes na cartilha. A partir do comportamento amistoso dos surdos inferimos que a cartilha foi validada.

Para confirmar a posição dos surdos quanto ao nosso desempenho, sabendo que este grupo é oralizado e escreve em português, solicitamos que comentassem sobre o material produzido. Alguns comentários foram escritos de maneira genérica sobre a metodologia aplicada durante a testagem da cartilha e sobre a autora do material, por isso transcrevemos apenas as observações escritas que se reportavam ao instrumento didático:

*... Cartilha é maravilhosa, você organizou bem feito, mas desenho (LIBRAS) errou pouco. Você explicou maravilhosa, explicou bem e tudo. Amei muito. Aprendi muitas coisas. Parabéns, você está doutora de enfermagem. Agora você escolheu saúde de especial. Beijos.*<sup>(1)</sup>

*Gostei muito, foi bem elaborado tanto a cartilha e... o conteúdo do assunto foi adequado... é preciso explicar bem para os surdos entender (você tem paciência). Olá, achei muito bem feito, porque você mostrar as figuras... Parabéns! Seu trabalho merecer nota 10,0.*<sup>(2)</sup>

Ao refletirmos sobre as falas acima, inferimos dois pontos comuns: o primeiro que demonstra que ficaram satisfeitos com o nosso desempenho e, o segundo, é a ansiedade de que a LIBRAS seja conhecida por um número cada vez maior de ouvintes. Eles demonstram essa ansiedade, registrando a queixa de que aqueles que prestam assistência ao grupo precisam se aperfeiçoar nesta linguagem.

Continuando nossa análise, ressaltamos também a alteração na sintaxe das falas, ou seja, verificamos que os surdos, mesmo aqueles que se comunicam através da língua portuguesa, modificam as relações que as palavras estabelecem entre si, bem como as relações entre as orações nos períodos (CIPRO NETO; INFANTE, 1998).

Outro aspecto importante do discurso dos surdos é o fato das suas informações serem diretas, breves e sucintas, muitas vezes comprometendo o entendimento daqueles que não estão inseridos no seu contexto. Botelho (1998), refletindo sobre essa dificuldade, considera como elemento explicativo para esta realidade a divergência entre o discurso oral e a língua de sinais e relata que os surdos ao serem interrogados sobre este aspecto afirmavam que os ouvintes *falavam comprido e sem parar, como papagaios*.

Analisando as diversas nuances da metodologia proposta, acreditamos que seguimos a proposta de Freire (1980): respeitamos a cultura surda e, através de situações vivenciais, elaboramos um material que garantiu ao educando o poder de discernimento sobre o assunto discutido e a consciência crítica para utilizar os conhecimentos adquiridos em seu cotidiano.

## PALAVRAS FINAIS

Relembrando a nossa trajetória na construção de um instrumento de apoio didático durante a educação em saúde sexual e reprodutiva para a população surda, expressamos a nossa satisfação em criar a cartilha intitulada *Saúde sexual e reprodutiva: Falando para surdos*. Ao nos apoiarmos nas idéias de Nietzsche (2000), rotulamos este material como uma tecnologia emancipatória, pelo fato de trazer aos surdos a oportunidade de se libertarem de um estado de sujeição, no que concerne aos conhecimentos nesta área de saúde e cada página elaborada representou um tributo aos sujeitos do nosso estudo, reforçando nosso pensamento de caracterização deste produto como uma pesquisa-ação, onde os frutos já ficariam na comunidade.

Entendemos que a nossa caminhada na busca de um material educativo que diminua as dificuldades de compreensão dos surdos, quanto às diversas nuances que compõem a saúde sexual e reprodutiva, pode ser, seguramente, um grande passo para resgatar a este grupo o direito à atenção preconizada. Pretendemos, com essa iniciativa, atender aos preceitos de Méndez *et al.* (1999) que sugerem aos serviços de saúde desenvolver atitudes que promovam a liberdade do indivíduo para pensar livremente e assumir idéias de acordo com sua própria convicção.

A descontração e o interesse do grupo, bem como as expressões, que classificamos, inicialmente, como curiosas para, em seguida se transformarem em gestos de entendimento quanto ao assunto discutido, nos levou a inferir que alcançamos a proposta de emancipação tecnologia proposta por Nietzsche (2000). Consideramos também que as manifestações de compreensão do assunto contido na cartilha e a discussão das experiências cotidianas dos surdos dentro desta temática em sua vida particular nos leva a entender que alcançamos a proposta de Freire (1980), qual seja a horizontalidade da relação entre educandos e educadores.

Enfim, concluímos que, diante do exposto, nosso objetivo – investigar a viabilidade deste material educativo foi alcançado com êxito e nossos resultados demonstram que a cartilha tem plena aceitação dos surdos e que a sua disseminação representa um passo importante para uma assistência de qualidade no contexto da saúde sexual e reprodutiva deste seguimento da população.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHREBECK, B. Problemas del fomento comunicativo de escolares sordos. *Educacion*, v. 48, p. 61-77, 1993.
- BOTELHO, P. **Segredos e silêncios na educação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica. 1998.
- BRASIL. Ministério do Trabalho. Secretaria de Formação Profissional. **Termos de referência dos programas de educação profissional**: nacionais, estaduais, emergenciais. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. **Resolução nº 196**: sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 1996d. 24 p.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa portadora de Deficiência, **Programa de ação mundial para as pessoas portadoras com deficiência**. Brasília, 1997.
- CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione. 1998.
- CORREIO BRASILIENSE DE 21/09/1997, Disponível online na URL: <http://www.maturidade.com.br/saude/antigos/surdez.htm> e capturado em 19 de março de 2000.
- FERREIRA A.B.H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 1838 p.
- FREIRE, P. **Conscientização teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980. 102 p.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. (Coleção Leitura)
- GOZZO, T. O.; FUSTINONI, S.M.; BARBIERI, M.; ROHER, W.M.; FREITAS, I. A. Sexualidade feminina: compreendendo seu significado. *Rev. Latinoam Enfermagem*, v. 8, n. 3, p. 84-90, jul. 2000.
- MENDÉZ, I.D.; SANTAMARÍA, R.O.; VELASQUÉZ, L.V.; ALÁRCÓN, P.E. Dos estratégias educativas en el manejo de pacientes con

dialysis peritoneal intermitente. **Rev. Enfer. Inst. Mex. Segur. Soc.**, v. 7, n. 1, p. 7-14, 1999.

NITSCHKE, E.A. **Tecnologia emancipatória: possibilidade ou impossibilidade para a práxis de enfermagem**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

NOGUEIRA, R.A.; VARELA, Z.M.V. O Cotidiano saúde – doença e os conceitos normal – deficiente. *In*: FORTE, B.P.; FRAGA, M.N.O.; GUEDES, M.V.C. **Cultura e poder nas políticas de saúde: prática clínica e social aplicada**. Fortaleza: Pós-graduação/DENF, 1998. p. 53-60.

NORWICH, B.; EVANS, J.; LUNT, I.; STEEDMAN, J.; WEDELL, K. Clusters: inter-school collaboration in meeting special educational needs in ordinary schools. **Br. Educ. Res. J.**, v. 20, n. 3., p. , 1994. p. 279-292.

PINHEIRO, P.A. **Análise de um programa de ensino para a alfabetização de deficiente auditivo adulto**. Bauru: Universidade Sagrado Coração, 1994. 132 p.

PORRAS, M.R. El libro de texto: instrumento para la innovación educativa. **Rev. Educ. Univ. Costa Rica**, v. 22, n.1, p.119-129, 1998.

RIGOBELLO, L.M.M.; FORTUNA, C.M.; RIGOBELLO L. X.; PEREIRA, M.J.B.; DINIZ, S.A. Processo de comunicação em grupos de aprendizagem: uma experiência multiprofissional. **Rev. Latino-am Enfermagem**, v. 6. n. 4, p. 95-102, out. 1998.

SADIK, N. Derechos humanos: las mujeres tienen necesidades especiales. **Populi**, v. 25, n. 1, p.16-17, mar./abril 1998.

TEIXEIRA, E.A. **Aprendizagem e criatividade emocional**. São Paulo: Makron Books, 1998. 129 p.

VALENTINI, C.B. **A apropriação da língua escrita e os mecanismos cognitivos de sujeitos surdos na interação em Rede Telemática**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) – Universidade Federal da Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.ucs.tche.br/carla/Libras/homepage/leituras>. Acesso em: 5 nov. 2000.

RECEBIDO: 29/11/2001

ACEITO: 19/01/2002